

## ANGÚSTIA, DE GRACILIANO RAMOS: INVESTIGAÇÕES SOBRE O ESTADO DE ANGÚSTIA E A TRAJETÓRIA DA PERSONAGEM LUÍS DA SILVA

*Angústia*, by Graciliano Ramos: investigations about the state of anguish and the trajectory of the character Luís da Silva

Larissa Scherer  
 Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC)  
 Instituto Federal Sul-Rio-Grandense (IFSUL/Pelotas)  
[larilarischerer@gmail.com](mailto:larilarischerer@gmail.com)

### RESUMO

O presente estudo investiga o estado psicológico e existencial da angústia, buscando também compreendê-lo enquanto elemento estético configurador do romance *Angústia*, de Graciliano Ramos. Para tanto, vale-se de dois procedimentos, seguindo uma perspectiva hermenêutica: realiza um levantamento das leituras/interpretações propostas pela tradição crítica e, após, busca articular ideias ali enunciadas bem como aspectos do referencial teórico de natureza filosófica e psicanalítica ao texto de Graciliano Ramos, apresentando uma nova interpretação. Entende-se que o estado de angústia é constituído, no plano literário, a partir de um discurso que privilegia o monólogo interior e o fluxo de consciência, procedimentos que permitem perscrutar profundamente a alma angustiada da personagem Luís da Silva. Além disso, outros elementos de natureza social, psicológica e da memória contribuem para a construção dessa personagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** angústia; Graciliano Ramos; romance; psicanálise; filosofia.

### ABSTRACT

The present study investigates the psychological and existential state of the anguish, also trying to understand it as an aesthetic configurator element of the novel *Angústia*, by Graciliano Ramos. In order to do so, two procedures are used, according to a hermeneutic perspective: it performs a survey of the readings/interpretations proposed by the critical tradition and, afterwards, it seeks to articulate ideas therein as well as aspects of the theoretical reference of a philosophical and psychoanalytical nature in the text by Graciliano Ramos, resulting then in a new interpretation. It is understood that the state of anguish is constituted in the literary plan, from a discourse that privileges the inner monologue and the flow of consciousness, procedures that allow to deeply examine the anguished soul of the character *Luís da Silva*. In addition, other elements of a social, psychological and memory nature contribute to the construction of this character.

**KEYWORDS:** anguish; Graciliano Ramos; novel; psychoanalysis; philosophy.

### Considerações iniciais

O presente estudo propõe uma interpretação do romance *Angústia* (1936), de Graciliano Ramos, à luz de autores advindos da tradição literária crítico-interpretativa, da psicanálise e da filosofia. A pesquisa tem como objetivo realizar uma leitura da obra em questão a partir dos procedimentos interpretativos da Hermenêutica, com o objetivo de responder aos seguintes questionamentos: 1. De que forma se manifesta, em termos literários, o estado de angústia na obra *Angústia*, de Graciliano Ramos? 2. Em que consiste o estado de angústia da personagem Luís da Silva?

*Angústia* (1936) é o terceiro romance publicado por Graciliano Ramos, após *Caetés* (1933) e *São Bernardo* (1934). Em 1938, surge *Vidas secas*, uma das obras mais comentadas pela crítica literária. Nosso ponto de partida é o de que *Angústia* se diferencia dos romances clássicos do autor

em que culmina a estética da concisão na escrita, os quais são analisados pela crítica no âmbito do romance de 30, da prosa neorrealista ou do romance regionalista moderno, pelo fato de trazer inovações estético-filosóficas no âmbito da narrativa, podendo ser considerada, em última análise, uma obra múltipla, o que nos possibilita interpretá-la a partir de variadas perspectivas.

A eleição de mais uma perspectiva para interpretar a obra amplia a ambiguidade natural que emana da própria narrativa. O que une essas abordagens em relação ao texto literário, como eixo norteador dessa experiência hermenêutica, é a possibilidade de agregar diferentes visões a respeito do estado de angústia.

O nosso objeto de pesquisa é a angústia vivenciada por Luís da Silva, no romance de Graciliano Ramos, no plano ficcional, embora, também vivenciamos, nesse processo de escuta da obra, contatos com outros textos que nos motivaram a investigar o conceito de angústia. Por exemplo, Iona, que sofre em silêncio com a perda do filho, no conto também intitulado “Angústia”, de Tchekhov (angústia próxima do desespero); Gregor Samsa, ao transformar-se em barata, em *A metamorfose*, de Franz Kafka (angústia causadora de terror); Rodion Românovitch Raskolnikóv, de *Crime e castigo*, de Fiódor Dostoiévski, que assim como Luís da Silva, convive com a culpa de ter praticado um homicídio (angústia relativa à culpa).

Buscamos os aspectos que emergem da obra, quando o estado de alma da angústia é tecido pela linguagem estético-literária, procurando perceber quais características da narrativa evidenciam esse processo.

Como pressupostos, escolhemos a Hermenêutica filosófica, relacionada ao extenso trabalho de Hans-George Gadamer (1999) e às reflexões posteriores de Richard Palmer (2011), bem como “A interpretação da obra literária” de Alfredo Bosi (1988). Optamos, portanto, por realizar uma observação de elementos-chave de interpretação presentes no texto, sob a influência da Hermenêutica.

Heidegger, ao trabalhar com a Hermenêutica no que tange ao aspecto ontológico, afirma que o horizonte do sentido nos é dado por meio da compreensão. Dado que a compreensão, segundo ele, possui uma estrutura que antecipa o sentido, talvez seja correto afirmar que existiu uma compreensão prévia a respeito do texto que escolhemos, antes mesmo de iniciarmos este estudo. Nesse sentido, pretendemos interpretar a obra literária não apenas com o intuito de dissecá-la, tendo em vista uma total separação entre “texto” e “sujeito percebente”. Igualmente, procuramos “o diálogo, e não a dissecação”, de forma que possamos abrir o “universo da obra literária” (PALMER, 2011, p. 18).

O fato de encarar a obra literária como um “evento” e não como “conteúdo” possibilita-nos sair do espectro da análise literária, de cunho realista, para enveredar pela compreensão ou interpretação da tessitura textual, levando em conta as interações e repercussões naqueles envolvidos no círculo hermenêutico (GADAMER, 1999). Entre o sujeito que interpreta a obra, a própria obra em questão, e o escritor/autor, existem inúmeras relações, por isso uma mera constatação de conceitos em uma obra está longe de elucidar o complexo processo envolvido na arte da interpretação.

Elizabeth Ramos, neta do escritor, escreveu a introdução para a edição comemorativa alusiva aos 75 anos da publicação de *Angústia* (RAMOS, 2013). Ela salienta que o romance foi publicado após o avanço do nazifascismo em nível internacional, a partir de 1935, e que resultou no integralismo no Brasil. Como reflexo disso, a Aliança Nacional Libertadora (ANL), composta por ex-militares, líderes sindicais socialistas e comunistas, exige a renúncia de Getúlio Vargas sob a liderança de Luiz Carlos Prestes. Entretanto, o governo defende que o movimento é ilegal, enfraquecendo-o e assumindo uma postura de forte repressão. Nessa mesma época, ocorre o banimento do partido comunista, dividindo o país entre ativistas e opositores. Em 1937, instaura-se um regime ditatorial, o Estado Novo, sob a liderança de Getúlio Vargas.

Em 1936, o escritor recebeu ameaças enquanto trabalhava como Diretor de Instrução Pública de Alagoas, entretanto, não deu muita importância para o ocorrido. Poucos meses depois, Graciliano foi demitido, então, decidiu “refugiar-se” nos últimos “consertos” do romance, procurando eliminar algumas repetições. Na ocasião, ele passava por um período tenso, com falta de sossego para escrever e dificuldades financeiras.

No mesmo dia em que entregou o manuscrito do romance *Angústia* à datilógrafa, ele foi preso<sup>1</sup>, permanecendo durante dez meses em Maceió, Recife e Rio de Janeiro. Nunca foi ouvido e nem acusado formalmente, de forma, que nunca soube os motivos do encarceramento (RAMOS, 2013, p. 9). De acordo com Ricardo Ramos, *Angústia* era considerado o livro de eleição de Graciliano (RAMOS, 2011, p. 136-137) e nasceu de uma novela intitulada “Entre grades”, talvez uma sinopse a ser desenvolvida (RAMOS, 2011, p. 104).

O nosso estudo sobre a construção da angústia no romance dividiu-se em dois momentos. No primeiro momento, apresentamos investigações a respeito do estado de angústia em autores da filosofia e da psicanálise. No segundo momento, contemplamos as leituras/interpretações realizadas pela tradição crítica e buscamos articular ideias já enunciadas bem como aspectos do referencial teórico de natureza filosófica e psicanalítica ao texto de Graciliano Ramos. Com esse procedimento pretendemos ampliar as possibilidades interpretativas do romance em estudo.

### **Investigação sobre o estado de angústia em autores da filosofia e da psicanálise**

Todos nós, indivíduos modernos, vivenciamos em alguma medida o estado de angústia. A origem da palavra “angústia” é latina, advém de *angor* (*angor, oris*, masculino) e significa opressão, angústia, aflição, derivando-se para *angustus* (*angustus, a, um*; adjetivo) que significa apertado, estreito, curto; difícil. A palavra *angustiae* (*angustiae, arum*; feminino, plural) significa desfiladeiro; estreito; brevidade; dificuldades; estar em situação difícil. Também encontramos a grafia de *angustia* (*angustia, ae*; feminino), que significa carestia e escassez (pontes para a penúria).

Cabe-nos investigar o conceito de angústia partindo de uma perspectiva estético-filosófica, buscando também o apoio da visão psicanalítica para iluminar a compreensão de alguns aspectos do texto literário em questão.

Uma das mais antigas alusões a esse estado de alma emerge do Livro VII da *República* (2001), do filósofo Platão, na conhecida Alegoria da Caverna (514a-518b). Os homens que vivem nas sombras não conhecem o mundo sensível e inteligível, não possuem, portanto, acesso ao conhecimento. Para Platão, a angústia aparece ligada à passagem das trevas à luz, ou seja, da ignorância ao conhecimento. Em relação ao termo angústia, foi Marco Túlio Cícero quem citou-o em “*De natura Deorum*” (Da natureza dos deuses), obra em que a angústia é demarcada como um sentimento vivenciado pelos homens ao passarem por situações em que sentem medo e desespero (BAPTISTA, 2011, p. 131). Para Cícero, o termo é associado à estreiteza, ligado ao sentimento que os homens vivenciam ao passarem por situações difíceis.

Nas tragédias gregas, o sentimento de angústia não pode ser percebido explicitamente, porém, é um sentimento que substancia o temor e o terror, como no caso das personagens Medeia (*Medeia* de Eurípedes) e Édipo (*Édipo Rei* de Sófocles). Essas personagens procuram rebelar-se contra as vontades divinas e os seus destinos trágicos, porém, pagam um preço alto por tentarem sobrepujar-se ao poder dos deuses. No caso da tragédia grega, portanto, a irrevogável predestinação dos deuses envolve a angústia fechada em si mesma, lembrando a etimologia da palavra relacionada à estreiteza e ao aperto.

Sêneca (1994) retrata o estado de angústia de forma implícita na obra “Sobre a Tranquilidade da Alma”, refletindo a respeito das “flutuações” e da “náusea” que acometem os seres humanos, dando conselhos ao seu discípulo Sereno de como se manter distante desse sentimento, atingindo a tranquilidade, estado de alma perseguido pelos estoicos.

Dando um salto temporal, trazemos à baila *O conceito de angústia* (2007), escrito por Sören Kierkegaard, sob o pseudônimo latino de Vigilius Haufniensis, obra de fundamental importância, por estudar o conceito formalmente pela primeira vez. Trata-se de uma obra enigmática que abarca uma espécie de fenomenologia do estado afetivo fundamental da existência. Para Kierkegaard, a angústia

<sup>1</sup> A data em que foi preso e que entregou o romance foi 3 de março de 1936. Graciliano recomendou à sua esposa, Heloísa, que guardasse o romance datilografado em uma casa e o manuscrito, noutra.

é um sentimento humano, visto que os animais não possuem consciência, por isso são acometidos por temor e não por angústia. O medo sempre nos remete a alguma coisa específica, enquanto que “a angústia é a realidade da liberdade como puro possível” (KIERKEGAARD, 2007, p. 51).

Kierkegaard sugere que a inocência tem sido interpretada como algo que existiria antes de o indivíduo cometer o pecado. Entretanto, antes de existir o pecado não havia o conhecimento da diferença entre o bem e o mal, portanto, não poderia haver inocência. Ou seja, a ideia de inocência surge após ela ser destruída. No estado da infância, sem perturbações nem luta, não existe nada. Então o filósofo questiona-se: “Que efeito produz, porém, este nada? Esse “nada” dá nascimento à angústia. Aí está o mistério profundo da vida: é, ao mesmo tempo, angústia” (KIERKEGAARD, 2007, p. 50).

A angústia revela-se, portanto, por meio de uma vivência de atração e repulsa, nomeada por Kierkegaard como simpatia-antipática. O filósofo observa duas espécies de angústia: “uma, em cujo seio o indivíduo torna efetivo o pecado por intermédio do salto qualitativo; outra, que adentrou e continua a adentrar no mundo com o pecado e que, em tal sentido, aumenta também quantitativamente sempre que o indivíduo estabelece o pecado” (KIERKEGAARD, 2007, p. 68).

O primeiro tipo de angústia, subjetiva, tem relação com o estado de angústia do indivíduo diante das possibilidades, ligada à inocência do sujeito que se depara com a liberdade. A possibilidade, nesse caso, não se refere a probabilidades abstratas ou mesmo à variedade e multiplicidade de oportunidades e ocasiões que as situações nos oferecem, mas sim significa que cada um é livre para decidir aquilo que quer e considera melhor para si. O segundo tipo de angústia, por sua vez, surge após o pecado, o “nada” se torna algo justificado, pois se refere à angústia diante de escolhas, com suas consequências.

Como realidade psicológica, a angústia possui estreita relação com o possível da liberdade, ou seja, a possibilidade. A lógica que subjaz o pensamento de Kierkegaard revela a angústia como estrutura básica, fundamental, do ente humano para lidar com a vida, com o real e consigo mesmo, tendo como pressuposto uma irrevogável correspondência entre angústia e existência, calcada nas possibilidades.

Para Kierkegaard, com o salto de angústia, na compreensão de quem somos, nessa intensa “autorrelação”, obtemos condições para entender a nossa existência. Existem, segundo ele, três “estádios”, que seriam alternativas para uma existência verdadeira: estético, ético e religioso. Nesse encontro do sujeito consigo mesmo, nos âmbitos estético e ético, o indivíduo sempre se sujeita à dualidade em viver ou o particular ou o geral. Para o filósofo, a plenitude da vida ocorre quando se consegue viver em ambos ao mesmo tempo, o que poderia ser realizado por meio do contato com o absoluto e a divindade. Há uma passagem no final da obra em que fica clara essa reflexão: “A angústia constitui o possível da liberdade e apenas essa angústia forma, pela fé, o homem, no sentido completo da palavra, absorvendo todas as finitudes, descobrindo todas as ilusões” (KIERKEGAARD, 2007, p. 185).

Na esteira dos estudos sobre angústia, apresentamos a visão de Martin Heidegger. No ensaio “Que é metafísica?” (1969)<sup>2</sup>, Heidegger afirma que o homem pode ser levado à presença do próprio “nada” na disposição de humor fundamental da angústia. Assim como Kierkegaard, ele reitera a diferença entre angústia e temor, salientando que o medo sempre existe em decorrência de algo determinado, enquanto a angústia pode ocorrer sem algo exterior que a fundamente.

O filósofo sustenta que “o nada se revela na angústia”, entretanto diz que não enquanto “ente”, nem como “objeto”. Ele afirma: “A angústia não é uma apreensão do nada. Entretanto, o “nada” se torna manifesto por ela e nela, ainda que não da maneira como se o “nada” se mostrasse separado, “ao lado” do ente, em sua totalidade, o qual caiu na estranheza” (HEIDEGGER, 1969, p. 33).

Não existe uma destruição do “ente”, nem uma negação do “ente” para adentrar o “nada”. Na realidade, o “nada” apenas pode ser percebido pela estranheza que acompanha esse estado. A possibilidade de “revelação do ente enquanto tal para o ser-aí humano” pode ser comparada ao

<sup>2</sup> Além da tradução realizada por Ernildo Stein para a língua portuguesa, utilizada para citações, realizamos a leitura da edição *Che cos'è Metafisica?*

processo de “autorrelação” de Kierkegaard, ambos procuram colocar a angústia como a gênese desse contato do “ente” com a essência de si mesmo, condição em que se revela o “nada”.

A angústia gera estranheza porque o indivíduo enfrenta o contato com o “nada” e com o estado de perceber o contato com a “morada originária”. Essa última expressão deixa implícita a ideia de que a nossa primeira morada se trata do nosso próprio corpo e da nossa subjetividade.

Jean-Paul Sartre se baseia nas considerações de Kierkegaard e de Heidegger, avançando no que tange ao fato de relacionar a angústia à consciência de liberdade. Para Sartre, a consciência é sempre consciência de alguma coisa.

Além de buscar revelar a estrutura essencial da angústia, ligada à liberdade, Sartre também descreve o “nada”, que fundamenta a liberdade (SARTRE, 1997, p. 78). Pelo fato de o “nada” poder ser sentido apenas, como algo que o ser humano vivencia entre os motivos e o ato, não podemos defini-lo, nem o descrever, na medida em que está vinculado ao ser humano em sua “autorrelação” como dizia Kierkegaard.

Essa “obrigação” que se renova perpetuamente de “refazer o Eu que se designa livre”, está vinculada à repetição e à “autorrelação” contínua do ser consigo mesmo, para compreender-se como ser pertencente aos seres humanos, como a essência histórica carregada pelo que a humanidade nos impõe. Além disso, revela que a liberdade em relação a si mesmo é engendrada pela angústia, pois o homem encontra-se sempre separado de sua essência por um “nada”.

Ao observar a si mesmo e ao procurar se posicionar perante as situações, o ser experimenta a sua liberdade para agir. Nesse momento, a angústia é a tomada de consciência do indivíduo em relação ao seu projeto, “quando a consciência se vê cortada pelo nada” (SARTRE, 1997, p. 80). Nessa autorreflexão do ser, o homem percebe a sua condição, e, entre os seus motivos e o seu ato, existe um “nada”, algo que potencializa a sua angústia, ligado à tomada de consciência a respeito de sua própria consciência.

Portanto, a descrição de Sartre a respeito do sentimento de angústia coincide com a de Heidegger. Para Sartre, “a angústia traduz a liberdade de existência, que contamina o ser em geral”. Kierkegaard a definia como “vertigem da liberdade”.

André Comte-Sponville, em ensaio de caráter literário-filosófico intitulado “Bom dia, Angústia!”, afirma que “a angústia faz parte de nossa vida. Abre-nos para o real, para o futuro, para a indistinta possibilidade de tudo”. Pela sua natureza em causar desconforto e mal-estar, procuramos nos libertar da angústia (COMTE-SPONVILLE, 1997, p. 11). Distingue o medo da angústia, dizendo que o medo é uma “função vital” e que não viveríamos muito tempo sem ele, enquanto que a angústia não passa da “ponta mais fina”, “sensível” e “refinada” do medo. Entretanto, mesmo em face do mal-estar provocado pelo sentimento, o filósofo sustenta que “não se trata de evitar, e sim de aceitar”, “não de curar e sim de atravessar” a angústia (COMTE-SPONVILLE, 1997, p. 12).

Ele acredita que a sabedoria está na aceitação do real e não em sua negação e o que a distingue da sanidade é não ter angústia. Para ele, “Toda angústia é imaginária; o real é o seu antídoto” (COMTE-SPONVILLE, 1997, p. 17). A sanidade psíquica, para o filósofo, estaria ligada, então, ao enfrentamento do real e do verdadeiro, portanto, envolve sentir angústia, sem perder toda força, alegria e liberdade, além de ser o estado que torna a filosofia possível e necessária: “resta-nos aceitar a angústia, habitá-la, e o mais serenamente que pudermos” (COMTE-SPONVILLE, 1997, p. 21).

A princípio, percebemos que existem muitas interpretações psicanalíticas da obra *Angústia*, fato que nos motivou em pesquisar também essa abordagem. Na primeira teoria da angústia formulada por Sigmund Freud, a angústia é associada a um coito insatisfatório. De acordo com Jean Laplanche e Jean-Bertrand Pontalis (1992), a angústia é a manifestação do fato de que uma quantidade de energia não foi controlada.

Tendo como base a teoria de Otto Rank, Freud cria três termos: a angústia ante um perigo real (*Realangst*)<sup>3</sup>; a angústia automática (*automatische Angst*) e o sinal de angústia (*Angstsignal*). O

<sup>3</sup> Laplanche e Pontalis ressaltam que “a tradução por ‘angústia ante o real’ teria o inconveniente de dar a entender que é a realidade como tal o motivo da angústia, ao passo que se trata de certas situações. Eis porque propomos o equivalente de angústia ante um perigo real” (LAPLANCHE, 1992, p. 26).

primeiro termo refere-se à angústia motivada por um perigo externo, ou seja, a sua manifestação ocorre em função da imaturidade biológica do cérebro humano. O segundo advém de uma “reação do sujeito sempre que se encontra numa situação traumática, isto é, submetido a um afluxo de excitações, de origem externa ou interna, que é incapaz de dominar” (LAPLANCHE, 1992, p. 26). O terceiro termo tem caráter puramente psíquico e “funciona como um símbolo mnêmico e permite ao eu reagir através de uma defesa” (ROUDINESCO, 1998, p. 382).

Em *O seminário, livro 10: a angústia* (1963-1964), Lacan trata da angústia como um afeto e não como uma emoção. Para Claudia Murta, quando Lacan se refere aos afetos na psicanálise, procura distanciá-los das propostas de análise psicofisiológicas, vinculadas a Freud, e busca se aproximar da filosofia. Lacan possui influências da filosofia de Hegel, no entanto, busca também contribuições de Kierkegaard, Heidegger e Sartre para realizar o seu conceito de angústia (LACAN, 2005; MURTA, 2011).

Em relação ao campo do mal-estar, Freud identificou um desamparo estrutural (*Hilflosigkeit*), fisiológico, que seria uma espécie de protótipo do que ele chamou de angústia primordial (*Urangst*). Essa angústia seria a condição arquetípica do trauma no nascimento, tese desenvolvida por Otto Rank em *O trauma do nascimento* (1924). Nessa obra, resumidamente, Rank explica que as circunstâncias que envolvem o nascimento ficam gravadas na psique do bebê e podem reaparecer de forma simbólica em pacientes psiquiátricos.

Ernesto Söhnle (2016) afirma que Lacan acha improvável que exista um trauma do nascimento, pois, todo raciocínio do mestre de Paris nos ensina que o trauma é um acontecimento subjetivo vinculado àquilo de que não esquecemos e, portanto, se o recém-nascido é desprovido de psiquismo ele não poderia sofrer um trauma, visto que a aquisição da subjetividade do bebê dependeria do trabalho simbólico de transmissão da palavra, realizada ao longo do tempo pelo complexo familiar.

Para Lacan, é durante o complexo do desmame, ou seja, quando a criança adquire fala própria, que o trauma do nascimento pode se “atualizar” por reminiscência, enquanto momento da “aspiração de um meio intrinsecamente outro” (LACAN, 2005, p. 355). Assim, Lacan desloca o trauma para o momento da contingência traumática do desmame (liberação do objeto *a*), quando o seio é separado da criança e ela tem de aprender a lidar com a aceitação dessa perda. De qualquer forma, a imaturidade do recém-nascido, bem como a ausência de recursos simbólicos para lidar com essa situação de mal-estar presentifica o desamparo, que está associado à dependência do enigma do desejo do Outro. Este sentimento de desamparo, por sua vez, causa uma angústia da perda do amor.

Ainda, conforme Lacan, por ser sinal do real, “a angústia é um termo intermediário entre o gozo e o desejo, uma vez que é depois de superada a angústia, e fundamentado no tempo da angústia, que o desejo se constitui” (LACAN, 2005, p. 193).

A angústia para Lacan, assim como para Heidegger, é o sentimento inerente à aproximação do “ser-aí”, entretanto não se trata de afeto sem um objeto específico como alegava Heidegger. Para Lacan, é uma via de acesso ao objeto *a*.

### **Perspectivas interpretativas do romance *Angústia***

De uma forma geral, observamos que o conjunto de críticos literários canônicos tem abordado ou priorizado a análise da obra do escritor dando relevância aos aspectos sociais, vinculados, sobretudo, ao papel do romance em relação ao panorama das obras do “romance de 30”. Trata-se de priorizar o olhar sobre a obra como pertencente ao grupo de escritores nordestinos que narram os sofrimentos do retirante, do migrante do Nordeste, descrevendo aspectos sociais pertinentes aos universos rural e urbano das principais personagens de Graciliano. As obras *Vidas secas* e *São Bernardo* seriam, por excelência, objetos de estudo priorizados pela crítica literária como um todo.

Há uma perspectiva instigante de interpretação do romance *Angústia* vinculada ao romance intimista, introspectivo ou de introversão. Em certa medida, as expressões estão relacionadas à

representação da consciência da personagem Luís da Silva, a partir do monólogo interior ou do fluxo de consciência, permitindo ao leitor entrar em contato com a manifestação literária do estado de angústia.

Fernando Gil destaca que houve dois cortes teóricos dominantes na análise crítica de *Angústia*: de um lado, a análise de caráter sociológico, fundada na relação entre a obra e a sociedade brasileira (por ele exemplificada através do ensaio “Graciliano Ramos”, de Carlos Nelson Coutinho), de outro, a de cunho psicanalítico, que privilegia os problemas entre a obra e o sujeito (como exemplo, o estudo “A ponta do novelo: uma interpretação de Angústia”, de Lúcia Helena Carvalho). Criticando as análises citadas pelo esquematismo analítico, referindo-se ao uso das teorias de Lukács na análise de caráter sociológico e das teorias de Freud na abordagem psicanalítica, o autor procura estabelecer as relações recíprocas e indissociáveis entre estes três níveis: a obra, a sociedade e o sujeito.

Paulo Cavalcanti observa que “Graciliano Ramos é um escritor cem por cento nortista”. Entretanto, “*Angústia* [...] é um romance que foge ao sabor das coisas regionais, embora a maioria dos seus personagens não consiga furtar-se à influência inevitável dos nossos costumes” (CAVALCANTI, 2013, p. 266).

Para Peregrino Junior, o romance brasileiro sempre foi de sentido horizontal, visto que os romancistas não tentaram “sondagens” nem “mergulhos arriscados”. Graciliano Ramos seria “um romancista vertical” porque gosta de “mergulhar perpendicularmente no subsolo das criaturas” (PEREGRINO JUNIOR, 2013, p. 269). Ao fazer uma digressão sobre os romances publicados, desde *Caetés*, passando por *São Bernardo* e chegando à *Angústia*, o crítico salienta que nesse último a análise interior das personagens ganhou força de modo absoluto.

Carlos Lacerda<sup>4</sup> elogia Graciliano Ramos dizendo que é o mais completo romancista da época (década de 30) “não só pela anotação e observação dos atos e sentimentos dos seus personagens”, mas também “pela exata proporção deles, pelas relações que estabelece entre os personagens e a obra, as criaturas e a criação” (RAMOS, 2013, p. 255).

Nelson Werneck Sodré trata, em sua interpretação, sobre o aspecto noturno da obra, que provocaria no leitor, ao final da leitura, “uma impressão de dor sem fim e mágoa profunda”, por isso, considera *Angústia* um livro “triste e amargo”, “difícil de escrever” e “difícil de ler”. Para o crítico, a figura mais verdadeira do romance é a criada Vitória; Marina é um brinquedo nas mãos de Julião Tavares; Luís da Silva “vive no solilóquio” e os personagens secundários ganham contornos e destacam-se na narrativa, aproveitando o clima de penumbra do romance. Conforme Sodré, a narração do “drama interior” de Luís da Silva, ou seja, de sua “tempestade espiritual”, foi realizada com “segurança e força” (SODRÉ, 2013, p. 246-249).

Alfredo Bosi (1994) considera que Graciliano representa, no romance brasileiro, “o ponto mais alto de tensão entre o eu do escritor e a sociedade que o formou” (BOSI, 1994, p. 400). Afirma, ainda, que todas as obras de Graciliano (mais *Usina* e *Fogo morto*, de José Lins do Rego) são “romances de tensão crítica”, tendo como base o esquema de classificação do romance de Goldmann, segundo o qual, nesse tipo de narrativa, “o herói opõe-se e resiste agonicamente às pressões da natureza e do meio social, formule ou não em ideologias explícitas o seu mal-estar permanente” (BOSI, 1994, p. 392). Em relação à *Angústia*, afirma que “tudo nesse romance sufocante lembra o adjetivo ‘degradado’ que se opõe ao universo do herói problemático” e ressalta ainda que “a existência de Luís da Silva arrasta-se na recusa e na análise impotente da miséria moral do seu mundo e, não tendo outra saída, resolve-se pelo crime e pela autodestruição” (BOSI, 1994, p. 403).

Dentre os trabalhos que tratam sobre *Angústia*, citamos uma dissertação e uma tese. A dissertação tem como título *O romance como epopeia de uma era: um estudo do romance Angústia*, de Graciliano Ramos, de Rosa Lucia Miguel Fontes (2010), e procura investigar o romance como gênero moderno dentro de uma perspectiva analítica, reflexiva e histórica, começando pela constituição do herói problemático, tendo como concepção teórica a *Teoria do romance*, de Lukács.

<sup>4</sup> Carlos Lacerda escreveu um artigo sob o pseudônimo de Nicolao Montezuma, conforme data anotada por Graciliano Ramos.

A tese, intitulada *Graciliano Ramos: a dor e a náusea*, de Luciana dos Santos Carvalho (2009), consiste na análise de quatro romances de Graciliano Ramos: *Caetés*, *São Bernardo*, *Angústia* e *Vidas secas*, à luz de preceitos do expressionismo alemão. Consideramos que nenhum dos estudos propõe-se a analisar a angústia como um sentimento que é construído pela obra. Embora a tese de Luciana dos Santos Carvalho aproxime-se, em certa medida, do assunto que tratamos, por possuir um capítulo intitulado “A angústia primordial”. Entretanto, os objetivos desse último estudo não contemplam a investigação a respeito da angústia, tanto que as palavras utilizadas no título da tese são “dor” e “náusea”, sentimentos limítrofes da angústia, mas não a própria.

### Uma nova interpretação estético-filosófica para *Angústia*

A obra de Graciliano Ramos atinge um patamar de vulto em relação ao cânone literário, pois ela é permeada pelo estado de angústia. Tendo esse pressuposto, podemos afirmar, resumidamente que: em *Vidas secas*, há a angústia de Fabiano e Sinhá Vitória, personagens que buscam melhores condições de sobrevivência; em *Memórias do cárcere* e *Infância*, obras autobiográficas, a angústia do escritor em relação à sua infância e ao período em que esteve preso; em *São Bernardo* revela-se outro personagem angustiado, Paulo Honório, que vivencia a angústia relacionada ao ciúme e à culpa.

A obra *Angústia* apela para o sentido universal da literatura, com um texto alinhado com a perquirição do “humano” em âmbito ficcional (FARIA, 1995), portanto, aprimora o olhar de quem ousa lançar-se à sua leitura, suscitando a nossa sensibilidade e entusiasmo em colaborar, em alguma medida, nesse processo instigante de leitura e interpretação.

Adélia Bezerra de Meneses realiza um exercício interpretativo de uma neurose da angústia em Luís da Silva. Ela cita a angústia kierkegaardiana como um problema filosófico e existencial, realizando uma aproximação pertinente para esse estudo entre as abordagens psicanalítica e filosófica:

E, se entre a abordagem psicanalítica e a reflexão filosófica por vezes cava-se um fosso, há, no entanto, possibilidade de pontes: a castração não corresponderia, em termos filosóficos, àquilo que a Filosofia chama de “finitude”? A castração está ligada à incorrigível incompletude do ser humano, à dolorosa aceitação da falta, da falha, da carência. A nostalgia da vida plena é a nostalgia da vida não nascida. (MENESES, 1991, p. 64)

Cabe aprofundarmos essa reflexão da autora sobre a ligação entre a castração com a finitude do ser humano. Interessante notar que a castração, em termos simbólicos, é algo presente na narrativa: 1. quanto à contenção dos estímulos sexuais de Luís, ou seja, os desejos reprimidos por Marina; 2. quanto à ausência da presença da mãe de Luís no romance apontada por Meneses (1990) e Almeida Filho (2008). Esse aspecto do desejo que não se completa, da falta, do desamparo, da carência, vincula-se também ao seu sentimento de incompletude e da presença da morte como presença constante na narrativa. Os estrangulamentos, as mortes violentas apresentadas a partir das memórias e o próprio homicídio ao final são exemplos de que a reflexão quanto à finitude do ser é um assunto constante nesse romance.

A angústia de castração é decorrente do medo de ser separado de algo muito valioso para o indivíduo, como Marina torna-se, em certa medida, para Luís. Psicanaliticamente, a morte iminente relaciona-se à castração, pois ela acaba com a possibilidade de vida. A morte seria a castração por excelência, pois nada se pode fazer quanto a ela, não há possibilidade de fuga. Dessa forma, sentimos a angústia de castração relacionada à finitude do ser em todo o seu potencial a partir da linguagem estético-literária no romance.

Ao nos atermos às críticas estético-filosóficas e às psicanalíticas, percebemos várias distinções a respeito dos aspectos considerados para analisar o caso da personagem Luís da Silva. De forma resumida, percebemos que as análises psicanalíticas voltam-se: ora para a análise da personagem,



Luís da Silva, interpretando a angústia no plano ficcional como uma representação literária dos sintomas da neurose de angústia, conforme afirma Meneses (1990); ora como expressão do recalque sexual, como salienta Almeida Filho (2008); ora como um processo de transposição, por parte do escritor, do “objeto causa”, a sua própria angústia, para o “objeto arte”, a escrita do livro, como aponta Caldas (2006).

A interpretação de *Angústia* à luz do viés psicanalítico foi contemplada com as ideias dos autores supracitados. Entretanto, a interpretação estético-filosófica nos permite ainda a apresentação de algumas reflexões.

A angústia tecida pelo texto literário pode ter caráter cósmico como ressalta Otto Maria Carpeaux (2013, p. 333-240), também pode traduzir uma angústia ôntica, ligada ao destino e à morte, e outra espiritual, que dialoga com o vazio e com absurdo, tal qual aponta Adélia Meneses (1990), também pode referir-se ao âmagô da solidão humana, de acordo com o que aponta Nelly Novaes Coelho (1977).

A angústia diante do “nada” se manifesta pela linguagem fragmentada, pontuada por repetições de imagens lúgubres, signos de estreiteza e fechamento, palavras aparentemente sem nexos, dispersas e incompreensíveis. A repetição e o excesso de cálculo em relação à desconexão dos solilóquios, críticas realizadas à obra por Antonio Candido (1992) e Adonias Filho (2013), são justamente o que há de mais instigante em *Angústia*.

A expressão literária da angústia é tecida pelas experiências descritas pela personagem Luís da Silva, ao reviver memórias tristes e doloridas de infância, tal como os episódios do afogamento, do estrangulamento de seu Evaristo e o de Julião ao final do romance. O trecho a seguir refere-se ao episódio do afogamento:

O poço da pedra era uma piscina enorme. Antes de entrar nela, o Ipanema tinha dois metros de largura e arrastava-me debaixo dos garranchos de algumas quixabeiras sem folhas.

Quando eu ainda não sabia nadar, meu pai me levava para ali, segurava-me um braço e atirava-me num lugar fundo. Puxava-me para cima e deixava-me respirar um instante. Em seguida repetia a tortura. Com o correr do tempo aprendi natação com os bichos e livre-me disso. Mais tarde, na escola de mestre Antônio Justino, li a história de um pintor e de um cachorro que morria afogado. Pois para mim era no poço da Pedra que se dava o desastre. Sempre imaginei o pintor com a cara de Camilo Pereira da Silva, e o cachorro parecia-se comigo.

Se eu pudesse fazer o mesmo com Marina, afogá-la devagar, trazendo-a para a superfície quando ela estivesse perdendo o fôlego, prolongar o suplício um dia inteiro. (RAMOS, 2013, p. 29)

Do trecho acima, ressalta-se a relação estabelecida por Luís entre os afogamentos que sofreu na infância com a possibilidade de afogar Marina, a mulher a quem ele ama sem haver reciprocidade.

O estrangulamento de Julião Tavares almejado por Luís como o desfecho desse percurso circular e angustiante, não repercute na sensação de plenitude ou de liberdade para a personagem, permitindo o encontro com o vazio, conforme Heidegger, ou seja, o espanto revelador da angústia ou a experiência de abertura para o mundo.

Em sua trajetória de idas e vindas, Luís teve poucas chances de realizar suas próprias escolhas, renegado ao fatalismo de uma vida regrada de funcionário público, preso aos determinismos daqueles que o rodeavam e ao convívio social, sente-se cada vez menos ele próprio. Além disso, vive em conflito, pois não consegue casar-se com Marina, nem possui uma relação satisfatória em relação ao trabalho; em meio a isso tudo, relembra as situações de descaso e desamparo que viveu na infância.

Luís da Silva é um sujeito que se considera um “valor miúdo”, “pobre-diabo”, contentando-se com sua “vida de sururu”. Nesse caso, ele identifica-se com aquilo que acha ser, agindo de má fé em relação a si mesmo (SARTRE, 1997):

Considerava-se um valor, valor miúdo, uma espécie de níquel social, mas enfim valor. O aluguel da casa estava pago. Andava em todas as ruas sem precisar dobrar esquinas. Por uma diferença de dois votos, tinha deixado de ser eleito Secretário da Associação Alagoana de Imprensa. Quinhentos mil-réis de ordenado. Com alguns ganchos, embirava uns setecentos. Podia até casar. Casar ou amigar-se com uma criatura sensata, amante da ordem. (RAMOS, 2013, p. 50)

Entretanto, a partir da decisão de praticar o homicídio, Luís não consegue mais esconder a angústia que sempre existiu, eclodindo em raiva, desespero e vingança. Quando a personagem não está mais alienada em relação à sua condição, é que surge a angústia, enquanto aquilo que fundamenta a sua interrogação sobre o seu lugar no mundo e possibilita o encontro do sujeito com suas possibilidades.

A angústia principal que acomete a personagem e que origina todos os outros estados de angústia é uma realidade psicológica que emana da liberdade. Após viver muito tempo resignado à condição que o aprisionava simbolicamente, Luís encara a possibilidade de tornar-se livre, mesmo em caráter temporário, a partir do casamento com Marina. Entretanto, aquele desejo de tornar-se algum valor nessa sociedade patriarcal é impedido pelo surgimento do outro, Julião Tavares, que não lhe rouba apenas a amante, futura mulher, como também o resto de dignidade de Luís, visto a partir da pretensa ordem que estabelecera para si mesmo.

O plano que havia feito para sair de sua condição torna-se inútil. Essa última palavra repete-se inúmeras vezes na narrativa. No entanto, a angústia vivenciada por Luís da Silva revela possibilidades em relação a si mesmo às quais não deseja enfrentar, por isso a presença da autodepreciação, do linguajar repleto de insultos, da autocomiseração, além das dores e das reminiscências de um passado triste e dolorido – esse que faz questão de lembrar.

Quando Marina decide casar-se com Julião Tavares, deixando Luís desolado, então, a angústia potencializa-se, tomando forma em monólogos e fluxo de consciência. Tendo em vista as ideias de Lacan, pensamos que a angústia da perda do amor presentifica a angústia do desamparo vivenciada na tenra infância de Luís. Após as ocorrências da traição com Julião Tavares e do aborto praticado por Marina, Luís percebe que necessita fazer uma escolha, mesmo que essa implique em privá-lo de sua liberdade no futuro, decidindo praticar o homicídio (contra Julião Tavares). Entretanto, isso não elimina a angústia, ao contrário, torna-a ainda mais intensa, perpetuando-se a partir do discurso delirante de Luís da Silva.

Em vista das escolhas e das consequências em termos afetivos, Luís poderia ter a escrita como salvação para a sua própria angústia, entretanto, ela vincula-se ao trabalho, à lógica do capital, visto que ele escreve artigos por encomenda. No início da narrativa, Luís diz: “Felizmente a ideia do livro que me persegue às vezes dias e dias desapareceu” (RAMOS, 2013, p. 27), e ficamos sem saber ao certo se ele se rendeu em algum momento à escrita ou se, de fato, o livro que temos em mãos é o “objeto arte” como espécie de resignificação da angústia do escritor (CALDAS, 2006).

Não pretendemos responder à questão, entretanto, apontamos a seguinte reflexão: se essa narrativa foi realmente escrita por Luís, poderíamos dizer que ele vivenciou a angústia espiritual, fazendo “ficção de si mesmo”, ou seja, criando uma identidade e uma simbolização de seus medos e angústias por meio da escrita de um livro. Entretanto, por outros motivos, essa angústia espiritual não adquire plenitude. O amor ou a afetividade almejada com Marina não possui reciprocidade e a vida adquire um caráter pesado, sem a possibilidade de um destino feliz.

De certa forma, percebemos, mais substancialmente, a angústia ôntica regendo a narrativa, pois é ela que se manifesta com mais força no delírio da personagem, vinculada também às reminiscências do seu passado. A liberdade da personagem está ameaçada com os delírios de julgamento pela morte de Julião Tavares, ou seja, ele delira com uma prisão imaginária. A justiça continua assolando o menino Luís da Silva, assim como assolou o menino Graciliano Ramos, o sujeito real, aquele que origina toda essa angústia que sentimos na narrativa.

Do homem à personagem, do criador à criatura, do “objeto causa” ao “objeto arte”,

observamos que a angústia em estado pleno sempre esteve presente, como agente propulsor - estado de alma entre o escritor, a obra e o leitor (FARIA, 1995).

De fato, percebemos a descrença na humanidade como um fator que provoca a angústia do narrador, aquele a quem chamamos Luís da Silva, levando em conta a repetição no discurso das imagens do homem que enche dornas ou da mulher que lava garrafas, de outras personagens vinculadas à pobreza moral, como a criada Vitória que enterra moedas no quintal ou Seu Ivo, o bêbado que fica faceiro com um prato de comida. Esses indivíduos ficcionais, que são carregados de uma dramaticidade silenciosa, surgem como representação dos seres angustiados da vida factual, os quais também possuem seus destinos predeterminados desde o seu nascimento, em função das condições sociais e do local onde vivem.

O delírio, quando a personagem está convalescente após o crime, com aqueles “silêncios compridos”, é o momento em que ele encara o vazio, com toda a sua carga de incomunicabilidade e até de desespero. A linguagem não dá conta de explicar a angústia, então surgem palavras e imagens sem umnexo aparente entre si. Essas palavras desconexas são reflexos do inconsciente que revelam a angústia como pré-sentimento. A partir da vivência da angústia, ele testemunha a presença do “nada”.

Após o assassinato, Luís da Silva entra em estado de delírio:

O pensamento partia-se. Ia cair da cama, delirar, morrer. A carne estremecia, os pés dos cabelos doíam-me. De quando em quando levava a mão ao rosto, e o contato da palma com a barba crescida arrancava-me palavrões obscenos grunhidos em voz baixa. Um porco, parecia um porco. Esta comparação não me entristecia. Desejava ser como os bichos e afastar-me dos outros homens. (RAMOS, 1969, p. 223)

De acordo com Sartre, quando o homem perde sua condição, entre os seus motivos e seu ato existe um “nada”, algo que potencializa a sua angústia, ligado à tomada de consciência a respeito de sua própria consciência. Esse “nada” é revelado no texto do romance, a partir das palavras sem nexos, das repetições, dos exageros que parecem ter sido esquecidos ali, sem ter sido vistos, porém são calculados. Essa ausência de controle de Graciliano Ramos sobre a própria escrita é a manifestação do “nada”, no próprio ato de escrita. Além disso, existe a revelação da estranheza de si mesmo num espelho que dolorosamente Luís não quer enxergar, assim como talvez não queira o seu criador.

A seguir buscamos responder aos questionamentos apresentados no início desse artigo: 1. De que forma se manifesta, em termos literários, o estado de angústia na obra *Angústia*, de Graciliano Ramos? 2. Em que consiste o estado de angústia da personagem Luís da Silva?

A angústia se manifesta, em termos literários, a partir do discurso da personagem Luís da Silva, e está relacionada ao sentimento de finitude do ser, e com o reconhecimento da possibilidade de ser ele mesmo. A personagem de ficção não possui a coragem de enfrentar a si mesma, tornando-se narradora de sua própria angústia. O monólogo interior e o fluxo de consciência foram as técnicas narrativas preponderantes escolhidas por Graciliano Ramos para narrar a consciência da personagem.

O discurso de Luís da Silva é entremeado de elementos simbólicos, psicanalíticos e filosóficos que recriam, esteticamente, a angústia. A partir do assassinato de seu rival, e da angústia decorrente desse ato, Luís procura reinventar a si mesmo, entretanto a busca pela libertação de sua condição psicológica e social mostra-se inútil. Ele é projetado no vazio de trevas exteriores, onde resta apenas a significação inacabada do delírio. Ou seja, no momento em que o simbólico se dissolve progressivamente no imaginário de fantasmas do corpo despedaçado, o ego sucumbe ao que se costuma denominar de desespero e/ou terror, restando ao sujeito amar o próprio delírio como a si mesmo. Aliás, o delírio se produz onde deveria ter se produzido o inconsciente simbólico, enquanto fruto do recalque e da castração.

Também nos questionamos sobre o que consiste em o estado de angústia da personagem Luís da Silva. A partir do delírio e das palavras desconexas narradas por Luís da Silva, temos acesso à consciência da personagem, alguns indícios do seu subconsciente e de toda a sua visão de mundo.

Ela permanece em estado convalescente e delirante, enfrentando o intraduzível do vazio, que não pode ser descrito muito menos dimensionado. Então, frente ao vazio e ao “nada”, percebemos que o estado de angústia não pode ser delimitado totalmente. Portanto, o esforço em delimitar essa angústia é inútil, assim como a personagem sente-se ao final do romance.

Em face da transfiguração da personagem e do seu eixo de ação, a partir do crime, Luís chega ao âmago da angústia. A revelação não se trata da transformação de si mesmo, pois ele não adquire a liberdade com esse ato. Todos os seus problemas persistem, potencializados com a neurose de que poderá ser preso.

Dentre as possibilidades infinitas vinculadas à liberdade, Luís não vê perspectivas para um desfecho positivo em relação a si mesmo, percebendo que o homicídio fora inútil. Então, ele vivencia a angústia ôntica, frente à perplexidade em ter consciência da sua própria consciência, bem como a angústia diante da liberdade (SARTRE, 1997).

A angústia de Luís da Silva está vinculada com aquela que todos sentimos. E, mesmo que ela seja de ordem diferente, alguma identificação poderá ocorrer, gerando algumas reverberações para o “vir-a-ser” de cada um. A repercussão desse processo de leitura como fruição estética e existencial depende da sensibilidade de cada um e do resultado, visível ou não, do próprio enigma da leitura. Esse último se refere ao encontro de cada indivíduo com o livro, sugerindo que a angústia nos compõe, enquanto indivíduos, mesmo que não queiramos admiti-la. É preciso estar um pouco “possuído de si mesmo” para ler esse romance. Também é necessário romper as interpretações estruturalistas, que não escutam o delírio e a sua razão de ser.

Por fim, de certo modo, sugerimos ao leitor que construa a sua própria interpretação, estabelecendo uma relação com a angústia como abertura para o mundo, ou seja, atento às suas infinitas possibilidades.

## Referências

- ALMEIDA FILHO, Leonardo. *Graciliano Ramos e o mundo interior: o desvão imenso do espírito*. Brasília: Ed. da UnB, 2008.
- BAPTISTA, Mauro Rocha. Franz Kafka e a angústia kierkegaardiana. *Revista Estudos Filosóficos*, n. 6, 2011. DFIME – UFSJ. São João del-Rei, Minas Gerais. p. 131-149.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.
- \_\_\_\_\_. Interpretação da obra literária. In: *Céu, inferno*. São Paulo: Ática, 1988.
- CALDAS, Heloisa. Um livro chamado *Angústia* – sobre o romance de Graciliano Ramos. *Psicologia Clínica*. Rio de Janeiro, n. 1, p. 137-145, vol. 18, 2006.
- CANDIDO, Antonio. Ficção e confissão & Os bichos do subterrâneo. In: \_\_\_\_\_. *Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- CARPEAUX, Otto Maria. Posfácio – Visão de Graciliano Ramos. In: RAMOS, Graciliano. *Angústia: 75 anos*, edição comemorativa. Rio de Janeiro: Record, 2013. p. 333-340.
- CARVALHO, Luciana dos Santos. *Graciliano Ramos: a dor e a náusea*. 190 p. Tese (Programa de Pós-graduação em Letras – Doutorado em Literatura Brasileira) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/16869>. Acesso em: 26 set. 2016.
- CAVALCANTI, Paulo. O Prêmio Lima Barreto de 1936. *Diário da Manhã*, Recife, 23 maio 1936. In: RAMOS, Graciliano. *Angústia: 75 anos*, edição comemorativa. Rio de Janeiro: Record, 2013. p. 266-268.
- COELHO, Nelly Novaes. Solidão e luta em Graciliano. In: BRAYNER, Sônia (Org.). *Graciliano Ramos*. Brasília: Instituto Nacional do Livro; MEC; Civilização Brasileira, 1977. v. 2. Coleção Fortuna Crítica. p. 60-72.
- COMTE-SPONVILLE, André. *Bom dia, angústia!* Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. Martins Fontes: São Paulo, 1997.
- FARIA, Octavio. Graciliano Ramos e o sentido do humano. Posfácio. In: RAMOS, Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- FONTES, Rosa Lucia Miguel. *O romance como epopeia de uma era: um estudo do romance Angústia*, de Graciliano

Ramos. 108 p. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários – Mestrado em Teoria Literária) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: [http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/LETR-89PK4H/disserta\\_\\_o\\_rosa\\_l\\_cia\\_miguel\\_fontes.pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/LETR-89PK4H/disserta__o_rosa_l_cia_miguel_fontes.pdf?sequence=1). Acesso em: 26 set. 2016.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Trad. Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 1999.

HEIDEGGER, Martin. *Que é metafísica?* Trad. Ernildo Stein. Revisão de José Geraldo Nogueira Moutinho. São Paulo: Duas Cidades, 1969.

\_\_\_\_\_. *Che cos'è Metafisica?* Tradução, notas e edição de Franco Volpi. Milão: Adelphi Edizioni, 2001.

KIERKEGAARD, Sören. *O conceito de angústia*. Trad. Eduardo Nunes Fonseca e Torrieri Guimarães. São Paulo: Hemus, 2007.

\_\_\_\_\_. *Il concetto dell'angoscia*. Tradução, notas e edição de Cornelio Fabro. Conoscenza religiosa. 39. Milão: SE SRL, 2007.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LAPLANCHE, Jean. *Vocabulário da psicanálise – Laplanche e Pontalis*. Dir. Daniel Logache. Trad. Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MENESES, Adélia Bezerra. Angústia, em *Angústia* de Graciliano Ramos. *Revista Percurso*. n. 5/6 São Paulo, p. 63-76. 2º semestre de 1990. Disponível em: [http://revistapercurso.uol.com.br/pdfs/p0506\\_texto09\\_ano03.pdf](http://revistapercurso.uol.com.br/pdfs/p0506_texto09_ano03.pdf). Acesso em: 2 maio 2016.

MONTEZUMA, Nicolao (pseudônimo de Carlos Lacerda em anotação apontada por Graciliano Ramos). *Angústia*. *Revista Acadêmica*, novembro de 1936 (data anotada por Graciliano Ramos). In: RAMOS, Graciliano. *Angústia: 75 anos*, edição comemorativa. Rio de Janeiro: Record, 2013. p. 254-256

MURTA, Claudia. A angústia tratada como afeto. *Revista Filosofia Aurora*. Curitiba, v. 23, n. 33, p. 359-375, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/rf?dd1=5764&dd99=view&dd98=pb>. Acesso em: 1º maio 2016

PALMER, Richard E. *Hermenêutica*. Lisboa: Edições 70, 2001.

\_\_\_\_\_. *Angústia: 75 anos*, edição comemorativa. Org. Elizabeth Ramos. Rio de Janeiro: Record, 2013.

PEREGRINO JUNIOR. O romance introspectivo de Graciliano Ramos. In: RAMOS, Graciliano. *Angústia: 75 anos*, edição comemorativa. Rio de Janeiro: Record, 2013. p. 269-270.

PLATÃO. *A República*. Introdução, tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

RAMOS, Ricardo. *Graciliano: retrato fragmentado*. São Paulo: Globo, 2011.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Trad. Vera Ribeiro; Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Tradução e notas de Paulo Perdiggão. Petrópolis: Vozes, 1997.

SÊNECA. *Sobre a tranquilidade da alma; Sobre o ócio*. Tradução, introdução e notas de José Rodrigues Seabra Filho. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

SODRÉ, Nelson Werneck. Livros novos. *Correio Paulistano*, São Paulo, 17/10/1936. In: RAMOS, Graciliano. *Angústia: 75 anos*, edição comemorativa. Rio de Janeiro: Record, 2013. p. 246-249

SÖHNLE, Ernesto. *A dessubjetivação, seu desdobramento em termos de sintoma social e as respostas oferecidas pela sublimação e pelo discurso do amor*. Trabalho de Pós-doutoramento apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UNISC – 2º semestre de 2016.

Recebido em: 30 set. 2020.

Aprovado em: 20 ago. 2021.